

II Congresso Pan-Amazônico
VIII Encontro Regional Norte de História Oral
Rio Branco, AC, 18 a 21 de novembro de 2013
Universidade Federal do Acre

Conferência de encerramento, 21 de novembro de 2013

Análise de entrevistas: reflexões em torno de um exemplo

Verena Alberti

A metodologia da história oral oferece a historiadores e demais estudiosos uma multiplicidade de usos e práticas. As entrevistas, produzidas em contextos de pesquisas específicas, transformam-se em fontes para essas e novas pesquisas; ao longo das pesquisas, acervos são constituídos, livros de depoimentos podem ser publicados, assim como vídeos e uma série de outros produtos derivados dos registros gravados das narrativas de nossos depoentes. Mas uma das questões fundamentais com que se depara aquele que trabalha com a metodologia de história oral – seja produzindo as entrevistas, seja consultando entrevistas de terceiros – é a análise dessa fonte. Como analisar e interpretar horas e horas de depoimentos gravados com pessoas que participaram de conjunturas e acontecimentos os quais desejamos conhecer e pesquisar? Não é fácil saber o que fazer com as gravações quando se decide tomá-las como fontes.

* * *

O primeiro elemento a considerar nesses casos é o fato de entrevistas de história oral não diferirem de outros documentos no que diz respeito aos cuidados que exigem. O caráter totalizante da história oral (ver Alberti, 1998) pode levar à ideia de que o documento de história oral é mais completo do que um documento de arquivo. Ora, uma entrevista de história oral não é mais completa do que um telegrama, ou um conjunto de telegramas, do que uma fotografia, ou um álbum de fotografias, ou do que um artigo de jornal, ou uma série de reportagens sobre um assunto. Todo e qualquer documento exige um trabalho dedicado do historiador para que seja interpretado. E muito provavelmente sempre haverá uma parte que não conseguimos entender, ou interpretar a contento, e sobre a qual podemos, se formos competentes e se for necessário, tecer hipóteses ou conjecturas.

E a todo e qualquer documento se aplica a reflexão de Jacques Le Goff sobre seu caráter “monumental”. A ideia de “documento-monumento” é bastante conhecida, mas não custa voltarmos às palavras do historiador francês, observando que elas se referem a todo documento que transformamos em fonte para o estudo das sociedades do passado e do presente. O documento, diz Le Goff,

É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente

– determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (...) um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (Le Goff, 1984, p.103-4)

“Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”, diz Le Goff, acrescentando que é preciso “desmontar” a montagem e “analisar as condições de produção dos documentos-monumentos”. Isso não quer dizer, em hipótese alguma, que o historiador pode prescindir dos documentos. Não pode, pois é através deles, colocando-lhes questões e transformando-os em fontes, que ele consegue se aproximar do objeto que estuda. O importante é estar sempre consciente a respeito dos limites e das injunções do conhecimento condicionado por tal especificidade. Por isso é sempre pertinente a pergunta “O que essa fonte documenta?”.¹

* * *

Em homenagem ao Dia da Consciência Negra, que comemoramos em 20 de novembro de 2013, véspera da conferência de encerramento do VIII Encontro Regional Norte de História Oral, e ao tema do encontro, “Memórias e diversidades culturais nas Amazônias”, escolhi como exemplo para o exercício que pretendo desenvolver aqui dois trechos de uma entrevista realizada em Belém, em 29 de setembro de 2006, com Zélia Amador de Deus, para o projeto “Histórias do movimento negro no Brasil”, levado a cabo por Amílcar Araujo Pereira e por mim entre 2003 e 2007. O projeto resultou em 39 entrevistas gravadas com lideranças do movimento negro no Brasil de diversas regiões e entidades, com um total de 110 horas de gravação, acervo que está depositado no Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas.²

Zélia Amador nasceu na ilha do Marajó, no município de Soure (PA), em 24 de outubro de 1951. Quando tinha cerca de um ano e meio de idade, mudou-se com a família para a cidade de Belém, onde foi criada. Formada em letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1974, foi uma das fundadoras do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa), em 1980. Participou do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, criado em 1995 pelo governo federal, e foi a proponente do sistema de cotas implantado na UFPA, onde foi professora do Departamento de Artes a partir de 1978 e vice-reitora de 1993 a 1997. Mestre em teoria da literatura, à época da

¹ Não é à toa que escrevi um artigo intitulado “O que documenta a fonte oral”, que se transformou no capítulo 2 do livro *Ouvir contar* (Alberti, 2004).

² Em seu primeiro ano de vigência, a pesquisa contou com o apoio do South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis) e, em janeiro de 2004, passou a integrar o projeto “Direitos e cidadania”, coordenado por Angela de Castro Gomes, no CPDOC, e aprovado pelo Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas constituem importante conjunto de fontes da tese de doutorado de Amílcar Araujo Pereira, elaborada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Hebe Mattos, e publicada como “*O Mundo negro*”: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (Rio de Janeiro, Editora Pallas, Faperj 2013). Sobre a pesquisa, ver Alberti & Pereira, 2004, 2005, 2006a, 2006b, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2008a e 2008b.

entrevista era doutoranda em ciências sociais na UFPA, desenvolvendo tese sobre ações afirmativas e cotas para negros na universidade, concluída em 2008.³

Todo parágrafo anterior, com informações sobre a entrevistada, é fundamental para o exercício aqui proposto: como analisar e interpretar entrevistas de história oral sem saber por que aquela pessoa foi entrevistada e sem conhecer elementos centrais de sua biografia? A análise da entrevista começa com esse entorno: quem é a entrevistada e por que se optou por entrevistá-la.

Mas é fundamental conhecer também o(s) entrevistador(es). Em geral, as entrevistas desse projeto foram feitas por Amilcar Araujo Pereira e por mim, mas a entrevista em questão foi gravada apenas por Amilcar, que se encontrava, na ocasião, em Belém. Na época, Amilcar trabalhava no projeto A Cor da Cultura, do Canal Futura, em atividades de formação de capacitadores em diversos pontos do país, e aproveitou para fazer o contato não apenas com Zélia Amador, mas também com Nilma Bentes, ambas fundadoras do Cedenpa. Como Amilcar estava hospedado no Hotel Hilton, em Belém, foi lá mesmo que realizou as entrevistas, o que certamente é componente importante na análise do que foi registrado: em ambas as entrevistas, as entrevistadas estão sentadas em uma poltrona, com uma mesinha de apoio sobre a qual parece repousar um abajur. Percebe-se que a filmagem da entrevista não contava com recursos adequados de iluminação, o que incide diretamente sobre o resultado do que se vê. Podemos dizer que essa circunstância evidencia, em negativo, as interferências dos equipamentos em toda e qualquer entrevista, mesmo naquelas a que assistimos sem prestar atenção à falta de iluminação, justamente porque contaram com condições adequadas, as quais, certamente também incidiram sobre as sensações e atitudes de entrevistado e entrevistador. Surpreendentemente, contudo, apesar da circunstância inicialmente pouco usual e confortável, parece que Zélia Amador se dispõe a suplantar tais constrangimentos iniciais e “embarca” no seu depoimento com vontade e responsabilidade. Votarei a isso adiante.

A gravação tem a duração de 2h15min. Quem trabalha com história oral sabe que esse tempo não corresponde ao período em que se ficou efetivamente envolvido com aquela entrevista: há o tempo do contato com o entrevistado, por telefone ou outro meio; talvez o tempo de um primeiro encontro; o tempo de instalação do equipamento, da conversa inicial explicando a entrevista, o projeto, a necessidade de assinatura da carta de cessão etc. E há o tempo que se segue à gravação propriamente dita, em que ainda se conversa sobre a entrevista e trocam-se outras informações. Tudo isso faz parte das “condições de produção dos documentos-monumentos” de que fala Le Goff.

Impossível reproduzir aqui as 2h15min de gravação da entrevista com Zélia Amador.⁴ Limitarei o exercício a dois trechos, extraídos dos 20 minutos iniciais. As iniciais são de Amilcar Pereira (A.P.) e Zélia Amador (Z.A.).

A.P. – Zélia, a gente sempre começa as entrevistas perguntando sobre o início, a gente começa sempre do início. A gente queria saber em primeiro lugar onde você nasce, quando você nasce, sobre seus pais, essa infância, enfim, esse início mesmo da sua trajetória.

Z.A. – Na verdade eu nasci no Marajó, na ilha do Marajó. Eu coloquei aqui Belém porque eu estou registrada como Belém, então no documento oficial eu nasci em Belém. Mas eu nasci no Marajó numa fazenda numa localidade que, naquele período, era município de

³ Ver o currículo Lattes da entrevistada, disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4757578H9>, acesso em 9/12/2013.

⁴ O depoimento completo, como os demais desse projeto, está disponível à consulta no CPDOC, cuja Sala de Consulta está aberta diariamente de 9:00 às 16:30 (ver <http://cpdoc.fgv.br/sobre/servicos>).

Soure e hoje é município de Salvaterra.⁵ A minha mãe engravidou bem novinha, com 15 anos, e minha avó e meu avô ficaram com muito desgosto por causa disso. Aí, quando eu nasci, eles resolveram vir para Belém. Então veio todo mundo para Belém. Mas não vieram logo. Vieram quando eu já estava com mais ou menos um ano e meio. E, na verdade, naquele período, o pessoal que vinha do êxodo rural acabava ficando, se localizando no fim de Belém. E o fim de Belém naquele período era o bairro da Sacramenta. Então eu me criei no bairro da Sacramenta, no limite entre o bairro da Sacramenta e Pedreira. Me criei ali. E aquele era o meu universo. Estudei todo o meu primário lá.

A.P. – Em escola pública?

Z.A. – É, escola pública. Era coordenada por umas freiras, mas era escola pública. É um colégio que ainda existe até hoje. Enfim, fiz toda a minha vida morando lá. Fiquei morando lá até, mais ou menos, 20 anos na Sacramenta. Eu sempre digo que é o meu espaço, a Sacramenta, porque foi meu primeiro universo, meu primeiro mundo, digamos assim. Me criei com a minha avó, que é quem eu chamava de mãe. Inclusive chamava meu avô de pai, porque meu pai ficou para lá, e minha mãe era mãe solteira e era empregada doméstica, trabalhava em casa de família. Então, a gente só se encontrava, praticamente, no domingo, que é quando ela tinha folga à tarde, que ia lá fazer uma visita. Então na verdade eu me criei com a minha avó.

A.P. – E os nomes dos seus pais? Até para a gente registrar.

Z.A. – Olha, a minha mãe se chamava, já morreu infelizmente, Doralice Amador. O meu avô era Manuel Faustino de Deus, que é a minha referência de pai. Mais tarde, bem mais tarde, é que vim conhecer meu pai biológico. A minha avó, que era quem eu chamava de mãe, era Francisca Amador de Deus. E eu acabei virando a Zélia Amador de Deus porque eu fui registrada como sendo filha dos avós.⁶

Até esse momento passaram-se três minutos e meio da gravação. Chama atenção a disposição de Zélia Amador para falar sobre sua história familiar. Ela não hesita em dizer que sua mãe engravidou nova e que ela foi criada pelos avós. Não é sempre que encontramos entrevistados dispostos a falar de sua vida pessoal de saída, dessa maneira.

Zélia prossegue falando da situação familiar e das condições de vida em Sacramenta. O avô, semi-alfabetizado, havia sido vaqueiro em Marajó e trabalhou em Belém em obras de saneamento como pedreiro. A avó vez por outra lavava roupa para fora. Naquele tempo, Sacramenta “era o final de Belém”, não havia ônibus e a iluminação elétrica só chegou em 1960. Ela avalia: “Então, era muita pobreza ao redor de onde eu morei.” São dados socioeconômicos importantes para entendermos sua formação e sua socialização. O avô “morreu relativamente cedo”, em 1970, aos 67, 68 anos, “em decorrência de diabetes e pressão alta”. Podemos adivinhar a precária assistência médica. A avó não sabia ler e não conhecia dinheiro, porque, no Marajó, “os vaqueiros da fazenda

⁵ Os municípios de Soure e Salvaterra são limítrofes, na ilha de Marajó, hoje. Ver IBGE, Cidades, disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150630&search=para/salvaterra>, acesso em 9/12/2013.

⁶ Entrevista realizada no Hotel Hilton, Belém, em 29/8/2006, com 2h15min de duração. Entrevistador: Amílcar Araújo Pereira. Disponível para consulta na Sala de Consulta do CPDOC-FGV (ver <http://cpdoc.fgv.br/sobre/servicos>).

não pegavam em dinheiro”; eles tinham “material para viver no mês”, “matavam a rês e ficavam com parte da rês”. O restante que precisavam “tiravam no armazém da fazenda”. Esse conhecimento da vida do vaqueiro certamente foi um conhecimento que adquiriu de ouvir contar, em casa, mas reconhecemos nesse sistema situações que vigoram até hoje em diferentes regiões do país e que, em alguns casos, recebem o nome de “trabalho análogo ao de escravo”. Quando Zélia conta da vida dos avós na fazenda fecha-se, para o leitor ou espectador da entrevista, a informação do início e entendemos por que ela afirmou que nasceu numa fazenda.

O próximo assunto é sua vida escolar, suscitado por uma pergunta de Amilcar: “Eu fiquei curioso com uma coisa em relação à educação, mas lá no início. (...) Você disse que era coordenado por umas freiras...” Zélia Amador começou a estudar num colégio particular, cujo nome afirma que nunca vai esquecer, “porque era Externato Santo Expedito”. Aqui já podemos vislumbrar referenciais políticos e culturais: Santo Expedito é comumente associado a divindades de religiões de matriz africana, e é por isso que Zélia, adulta, diz que nunca vai esquecer o nome de onde estudou quando era bem menina. Voltemos a sua narrativa. O trecho a seguir começa passados oito minutos e meio da entrevista:

Então eu comecei a estudar nesse Externato Santo Expedito. A professora que montou essa escolinha, inclusive, era também egressa do Marajó. E a experiência foi interessante porque era uma sala com várias crianças de séries diferentes. Você tinha até a quarta série: primeira, segunda, terceira e quarta. Da alfabetização até a quarta. Entrei eu para me alfabetizar, aí fiz primeira e segunda série lá, mas aí eu tinha que assistir às aulas que ela dava para a terceira série, e para a quarta. E isso foi interessante porque, como eu sempre fui uma pessoa muito observadora, eu comecei a aprender todo o conteúdo da terceira série. Então, eu estava na primeira e já sabia o conteúdo da segunda; eu estava na segunda e já sabia o conteúdo da terceira. Quando eu passei para a terceira, aí eu saí de lá e fui para esse colégio. Era o único colégio que tinha na Sacramenta naquele tempo, não tinha outro grupo escolar. Ele era coordenado por umas freiras. Ele ainda existe lá. É interessante a história do colégio, porque as freiras eram Luízas de Marillac e o nome do colégio era Instituto Catarina Labouré, era um nome francês, só que escrito “labouré”. Então toda a criançada lia Catarina Labouré [em português]. Essa é uma história interessante porque determinada vez a irmã superiora, que era a diretora do colégio, chegou na sala e disse o nome da escola e disse Catarina Labouré [em francês]. Eu achei um absurdo aquilo: “Como que a diretora da escola não sabia ler o nome do colégio?” Estava lá escrito Labouré e ela dizia Labouré... [risos] É muito interessante. Bem mais tarde é que você vai entender que é Labouré porque é francês, mas a molecada daquele período não entendia que era francês. Ainda existe lá o colégio. Então era coordenado pelas freiras e você pagava uma espécie de taxa simbólica. Era conveniado com o estado porque não tinha outra escola pública lá naquela área. Então as freiras, eu acho que faziam um certo convênio com o estado porque você pagava uma taxa pequena, você não pagava uma grande mensalidade. Então dava para você estudar lá. E eu estudei lá.

E lá, inclusive, foi meu primeiro contato com o racismo. Eu sempre fui boa de matemática. Como eu te digo, eu tive essa experiência numa escola multiseriada, em que a professora dava aula para várias séries na mesma sala, e eu era boa de matemática e muito observadora, eu sabia muito de matemática. Quando eu cheguei na terceira série eu sabia fazer todas aquelas coisas: máximo divisor comum, mínimo divisor comum, multiplicação por dois, três números, eu já sabia divisão porque tinha aprendido da série seguinte já, porque eu tinha assistido às aulas. Aí, a freira ficava muito encantada com

isso, uma freira da terceira série primária, irmã Zoé [pronúncia “Zoê”] era o nome dela. E ela ficava muito encantada, tanto que ela tinha uma técnica, que era colocar as pessoas que se davam melhor em matemática junto das crianças que tinham dificuldade, e eu era muito usada. Eu passava de carteira em carteira, ela me usava muito para ajudar as outras crianças que tinham dificuldade na matemática. Então eu era realmente muito boa de matemática e sempre tive uma memória muito ágil também, eu aprendia as coisas muito rápido.

Eu me lembro que eu ia a pé para o colégio, não é tão longe, e eu não estudava catecismo. A primeira aula, você começava rezando lá fora, cantando o Hino Nacional, cantando algumas músicas em louvor à Maria. E depois você entrava e, quando entrava na sala de aula, a primeira aula era o catecismo. E eu não estudava o catecismo. Mas eu ia pelo caminho lendo aquela lição que ia cair no catecismo. E depois, eu era “Z”, era a última da chamada. Aí começava pelo “A” e, quando chegava no “Z”, eu só tirava dez em catecismo porque eu tinha tudo na ponta da língua.

Era muito engraçada essa aula de catecismo, eu lembro até hoje que tinha umas coisas tão engraçadas. Por exemplo, tem uma coisa que eu brinco até hoje: a freira perguntava, era uma das lições: “Quem é Deus?” Aí você tinha que responder na ponta da língua: “Deus é o espírito perfeitíssimo, criador do céu e da terra.” [riso] Aí ela dizia assim: “O Pai é Deus?” Aí você tinha que dizer tudinho: “Sim, o Pai é Deus.” Aí: “O Filho é Deus?” Não podia dizer “sim”, tinha que dizer: “Sim, o Filho é Deus.” “O Espírito Santo é Deus?” Você tinha que dizer: “Sim, o Espírito Santo é Deus.” Aí, de repente, ela virava, ela dava uma rodada na sala, bem performática, e dizia assim: “Então são três deuses?” [risos] Essa parte era muito engraçada. Até hoje eu rolo de rir quando lembro da performance. Aí você tinha que ter na ponta da língua: “Não. Há um só Deus em três pessoas realmente distintas.” [risos] Até hoje eu lembro a aula de catecismo.

Mas eu dizia que a minha primeira experiência de racismo foi lá. A freira gostava de mim porque eu sabia matemática, porque eu era considerada inteligente, digamos assim. Saber matemática era o máximo, porque era a grande “onça” de toda a criançada. E eu sabia. E aí ela me usava, como eu te digo, para ajudar as outras coleguinhas. Mas um dia chegou uma pessoa na sala... Eles faziam muitas festas, faziam as pastorinhas, muitas encenações, faziam danças, festa junina – que, naquele tempo, a gente não dizia “junina” – isso é coisa de hoje –, a gente dizia “joanina”, “a quadra joanina”. Hoje em dia é que se diz “junina”, de junho. Na verdade era joanina. Então eu me lembro que estava fazendo sucesso aquela música La Bamba. E elas resolveram então fazer uma apresentação.

A.P. – Isso em que ano?

Z.A. – Eu não lembro. Isso tu vais me desculpar, mas realmente... Eu posso crer que deva ter sido por volta de 60. Porque eu estou fazendo as contas com o período que logo depois eu venho para o ginásio. Eu estava na terceira série primária, eu devia ter nove anos, então deve ser 60. E eu tinha um bom relacionamento na turma porque eu era considerada inteligente, porque sabia matemática. Então, todo mundo de certa forma tinha um certo respeito porque eu era inteligente afinal. Então eu era bem relacionada, não tinha problema nenhum na turma. Aí chegou uma pessoa na sala, pediu para interromper a aula e aí perguntou quem da sala queria participar da dança que ia ser, eu acho que eles chamavam macumba, mas a música era La Bamba. Aí eu fiquei louca, claro que eu queria participar daquela coisa. Aí a freira disse: “Quem quiser, levanta.” Aí eu levantei. A freira mesmo, professora, foi escolhendo todo mundo e não me escolheu. Aí está, como não me escolheu eu fiquei na sala. As outras que foram escolhidas saíram. Fiquei na sala e fiquei

grilada: “Por que eu não fui?” Aí eu fui perguntar depois para ela, quando acabou a aula, por que ela não chamou. E ela ficou relutante em dizer. E ela não queria dizer, e eu insisti então: eu queria ir, por que ela não me chamou? E ela, relutante em dizer. Aí até que ela não teve jeito, uma moleca daquelas chatas, perguntando, perguntando, perguntando... Como não teve jeito, ela disse assim: “Porque para essas apresentações, a gente procura umas crianças mais ajeitadinhas, mais bonitinhas.” Aí eu olhei e pensei: “Bom, tem alguma coisa.” Porque eu, em absoluto, não me achava feia. E eu comecei a me comparar com as pessoas que ela tinha chamado, que ela tinha escolhido. Aí eu nunca me esqueço que eu disse: “Mas ela chamou a Benedita.” A Benedita era branca, mas eu achava a Benedita tão feia, eu achava a Benedita com uma cara de cavalo. [riso] Mas ela chamou a Benedita. E eu não me achava feia, em absoluto. Mas, aí, depois, eu fui entender, porque, do grupo que levantou, eu era a de fenótipo marcadamente negro. Isso eu só vim a entender mais tarde. Essa foi a minha primeira experiência, digamos assim, que vai marcar essa questão. Daí para frente você começa a sacar as coisas, não é?

A.P. – Tendo em vista o fato de você se sentir bonita muito nova, como é que se dava a questão racial na sua família?

Z.A. – Essa é uma questão importante. A minha avó era muito ciente disso. E ela me dava conselhos diários, ela dizia: “Tu és negra, mas negro pode tudo.” Ela me dava conselhos e eu me achava igual, tanto me achava igual que eu achava que podia tudo, inclusive participar da dança. Por isso que eu levantei. Mas aí as pessoas começam a lhe mostrar, o fora começa a lhe mostrar.

O trecho, de uns 12 minutos, é extenso para ser reproduzido num artigo como esse. Mas a ideia aqui é justamente fazer um exercício de análise e interpretação de entrevistas de história oral. Cortar trechos já não é o procedimento mais adequado. Como já tive oportunidade de escrever alhures (Alberti, 2005), é preciso tomar a entrevista como um todo; ouvi-la ou lê-la do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista. Com efeito, o restante da entrevista explica e pode ser explicado por seu início. Zélia e Amílcar conversam sobre a atuação do Cedenpa, sobre os Encontros de Negros do Norte e Nordeste, muito ativos nos anos 1980, e sobre artigos da Constituição estadual do Pará de 1989 referentes a ações afirmativas e ao reconhecimento de terras de quilombo, entre outros assuntos.

Para analisar uma entrevista, é preciso também ter sempre em mente outras fontes – primárias e secundárias; orais, textuais, iconográficas etc. Várias fontes podem ser úteis aqui: outras entrevistas, jornais, documentos das entidades do movimento negro, cartazes, dados estatísticos, registros educacionais, documentos sobre a história urbana de Belém... Enfim, documentos cuja consulta faça sentido em função da pergunta de pesquisa que se quer investigar.

Vejamos o que esse segundo trecho de entrevista documenta. A descrição das aulas no externato Santo Expedito é um testemunho sobre a educação multisseriada, muito comum em áreas rurais, não apenas no Brasil. O depoimento de Zélia é um registro de que esse sistema existia na periferia de Belém nos anos 1950. Ao recuperar essa experiência, algumas vezes a entrevistada tem oportunidade de se apresentar para seu interlocutor e os que forem consultar a entrevista – “eu sempre fui uma pessoa muito observadora”. O trecho, portanto, também documenta o modo como a entrevistada se vê e gostaria de ser vista.

As informações sobre o colégio Catarina Labouré, de freiras Luízas de Marillac, que existia pelo menos até a data de realização da entrevista, deixa entrever a influência da educação católica e das instituições religiosas em Belém, dos anos 1950-1960, a qual muito provavelmente remonta aos tempos da colônia. Luíza de Marillac foi uma freira que viveu no século XVII e fundou, junto com São Vicente de Paulo, a congregação religiosa Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, a que pertencia Catarina Labouré, religiosa francesa do século XIX. Esses nomes fazem sentido para a entrevistada, que os menciona com naturalidade, mostrando, assim, o quanto fizeram parte de sua formação.

O breve e divertido relato de seu estranhamento com relação à pronúncia do nome do colégio por parte da irmã superiora, aliado a narrativas posteriores, nesse mesmo trecho, já deixa entrever que a autoestima da entrevistada, durante sua infância, era, no seu entender, bastante alta: em vez de duvidar de seu próprio conhecimento, é o da irmã superiora que foi colocado em xeque. O mesmo podemos dizer das referências a seu desempenho nas aulas de matemática, cuja descrição, de quebra, nos premia com os recursos pedagógicos utilizados pela irmã Zoé – e a citação de seu nome confere concretude à história –, que se valia dos conhecimentos da aluna Zélia para ajudar os colegas. Esse método de auxílio mútuo entre alunos sugere que o colégio onde a menina Zélia estudou possivelmente contava com alguma orientação pedagógica.

O segundo trecho reproduzido neste artigo contém diversas narrativas, umas mais extensas, outras mais curtas, algumas intercaladas entre si. Por exemplo, a história da pronúncia de “Labouré”, ou ainda a descrição da aula de catecismo e de como a entrevistada conseguia tirar notas boas, lendo a lição pelo caminho e aproveitando o fato de ser a última da chamada. Novamente o relato traz consigo mais elementos do que a simples sucessão dos acontecimentos: aprendemos que, além de ser observadora e de saber matemática, Zélia era esperta e, mesmo sem estudar a lição como possivelmente era esperado pelas irmãs professoras, só tirava dez em catecismo.

Mas podemos dizer que há uma narrativa primordial, a da experiência de racismo, introduzida com a frase “E lá, inclusive, foi meu primeiro contato com o racismo”, ideia que só será retomada bem adiante: “Mas eu dizia que a minha primeira experiência de racismo foi lá”. Trata-se, possivelmente, de uma história que Zélia Amador já contou algumas vezes, militante que é do movimento negro. Por isso talvez já administre a forma de prender a atenção de seu ouvinte, contando outras coisas interessantes (a *performance* da freira na arguição sobre os “três deuses”, por exemplo), para, na medida certa, fornecer as demais peças que completam essa “história dentro da história”.⁷ E, para que faça sentido, essa narrativa necessita dos relatos anteriores, que explicitam, segundo a entrevistada, como não tinha problemas com sua autoestima: era considerada inteligente pela professora e pelos colegas e tinha bom relacionamento na turma. O contraste com a experiência de racismo fica ainda mais evidente.

É interessante observar que, no momento em que essa narrativa alcança seu ponto culminante, Zélia Amador reproduz, em linguagem direta, seus pensamentos e o diálogo com a professora. Abrem-se aspas para o que disse a irmã e para o que Zélia pensou:

Fiquei na sala e fiquei grilada: “Por que eu não fui?” (...) Como não teve jeito, ela disse assim: “Porque para essas apresentações, a gente procura umas crianças mais ajeitadinhas, mais bonitinhas.” Aí eu olhei e pensei: “Bom, tem alguma coisa.” Porque eu, em absoluto, não me achava feia. (...) Aí eu nunca me esqueço que eu disse: “Mas ela chamou a Benedita.”

⁷ Remeto aqui ao título de meu artigo Alberti, 2005.

Nem toda entrevista de história oral nos premia com narrativas emblemáticas de experiências que revelam momentos de aprendizado e de leitura do mundo. Esses relatos são exemplares porque, apesar de particulares a um depoente, têm poder heurístico elevado, podendo nos aproximar de condutas e concepções de determinados grupos, ou até da sociedade como um todo. Em outro texto (Alberti, 2008), tive oportunidade de relacionar esses relatos de experiências emblemáticas, que também chamo de “narrativas prenhas”, com a ideia de “jogos de linguagem” de Ludwig Wittgenstein. Para Wittgenstein, “o significado de uma palavra é seu uso na linguagem” (1953, § 43), de modo que, para compreender o significado do que está sendo dito, precisamos de exemplos de seu uso. *Mutatis mutandis*, podemos dizer que, para aprender o significado do racismo na sociedade brasileira, exemplos como esse fornecido por Zélia Amador são muito eloquentes. Apesar de consistirem numa experiência particular, são capazes de dizer muito sobre concepções e valores de um grupo mais amplo. E mostram como essas concepções e valores incidem diretamente sobre a vida das pessoas atingidas. Senão, por que Zélia Amador teria guardado esse episódio na memória e trabalhado seu significado? Podemos supor que ela o aciona sempre que precisa explicar o racismo no Brasil, sua trajetória de vida e sua opção pelo movimento negro.

O significado dessa experiência de Zélia Amador é sublinhado pelo depoimento de sua colega de Cedenpa, Nilma Bentes, entrevistada no dia anterior para o mesmo projeto, também por Amílcar Araujo Pereira. Referência do movimento negro na região Norte do Brasil, Nilma Bentes nasceu em Belém em 1948, formou-se em agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia em 1971 e integrou, durante 26 anos, o quadro técnico do Banco da Amazônia, onde fazia análise de projetos rurais. Ela observou, em sua entrevista: “o Malcolm X já dizia que um dos piores crimes que os brancos cometeram contra os negros foi ensinar os negros a não se gostar”.⁸ Com efeito, a problemática da autoestima é uma das mais enfatizadas pelo movimento negro. Por isso, Nilma acha que é preciso alertar as crianças desde cedo sobre esse ensinamento a que se refere Malcolm X. Vejamos o trecho de sua entrevista onde explica esse seu ponto de vista:

A.P. – Mas então, eu queria lhe perguntar, lá ainda no início, como era a questão racial na sua família. Havia discussão sobre a questão racial dentro de casa?

N.B. – Não havia discussão. A minha avó, mãe do meu pai era extremamente racista. Ela não era negra e a minha mãe já sabia que ela não gostava de negro. Então a minha mãe tentava poupar a gente. A relação com a família do meu pai era a menor possível. Porque a minha mãe tentava zelar pelas nossas dores. A minha mãe sempre colocou: “Olha, não vai ali. Mas se for, não fica dentro da casa das pessoas, porque, se sumir alguma coisa, vão dizer que é tu.” Então é sempre aquela história. Ainda mais com a avó sendo racista. A avó sendo racista, aí que era duro. Então a minha mãe sempre foi uma fera para defender a gente. Isso é uma pergunta difícil, porque até hoje existe essa discussão no próprio movimento negro, na criação dos filhos: você deve ou não deve colocar seu filho logo diante da situação que ele vai enfrentar? Ou será que você, colocando, vai fazer com que ele já enfrente a situação prevenido? Será que vale prevenir ou não vale? Eu sou da ala que acha que deve avisar a criança, porque a criança entra de peito aberto, aí pega uma cacetada do amiguinho, que é doloroso. Tenho casos de morar em edifícios em que as crianças brincam juntas o dia inteiro, mas, quando chega o

⁸ Entrevista realizada no Hotel Hilton, Belém, em 28/8/2006, com 2h de duração. Entrevistador: Amílcar Araujo Pereira. Disponível para consulta na Sala de Consulta do CPDOC-FGV (ver <http://cpdoc.fgv.br/sobre/servicos>).

aniversário da branca, não convida a negra. Aí é um choque. Eu sou da ala do: “Avisa!” Porque eu fui avisada.⁹

O episódio da dança La Bamba relatado por Zélia Amador trata desse universo de questões que ainda hoje assola meninos e meninas negros em diferentes regiões do Brasil e do mundo. Ao contrário do que afirmam alguns intelectuais e jornalistas hoje em dia, verificamos que a racialização dos brasileiros existe há muito tempo e não corre o risco de ser inaugurada pela adoção de políticas de ação afirmativa. A racialização ocorre sempre que uma criança negra aprende que, apesar de ser boa em matemática, inteligente e esperta – ou mesmo não sendo nada disso –, é preterida em função de sua raça/cor. E sempre que aquele ou aquela que a preteriu acha que pode fazê-lo.

Dois elementos do trecho transcrito ainda merecem destaque, se estamos tentando responder à pergunta “o que esse trecho documenta?” A brevíssima observação sobre a denominação “junina” (de “junho”) em vez de “joanina” (de “São João”) pode indicar que a entrevistada considera importante ter uma consciência histórica e que ela se situa historicamente no mundo: “naquele tempo, a gente não dizia ‘junina’ – isso é coisa de hoje –, a gente dizia ‘joanina’, ‘a quadra joanina’. Hoje em dia é que se diz ‘junina’, de junho. Na verdade era joanina.” A lembrança da denominação antiga acaba justapondo diferentes dimensões temporais, fazendo lembrar o conhecido trecho do prólogo do livro *Futuro passado*, de Reinhart Koselleck (1992, p. 9-10), em que o autor lista exemplos para os que querem ter ideia do tempo histórico no cotidiano, observando que coexistem o senhor enrugado, os edifícios com estilos diversos, o trenó ao lado do avião etc.

O segundo elemento diz respeito ao desempenho do entrevistador e à breve pergunta que faz a Zélia buscando saber quando se deu o episódio em que foi preterida na dança. Retomemos o trecho:

Então eu me lembro que estava fazendo sucesso aquela música La Bamba. E elas resolveram então fazer uma apresentação.

A.P. – Isso em que ano?

Z.A. – Eu não lembro. Isso tu vais me desculpar, mas realmente... Eu posso crer que deva ter sido por volta de 60. Porque eu estou fazendo as contas com o período que logo depois eu venho para o ginásio. Eu estava na terceira série primária, eu devia ter nove anos, então deve ser 60.

A pergunta de Amílcar Pereira documenta que ele estava atento ao que dizia a entrevistada e que reconheceu, naquele relato que estava se iniciando, conteúdo relevante para a discussão da história das relações raciais e do movimento negro no Brasil. O “quando” aqui é essencial, pois sabemos que as identidades raciais variam no tempo e no espaço. Uma breve pesquisa sobre a música La Bamba, sucesso do músico norte-americano descendente de mexicanos Ritchie Valens (1941-1959), confirma a resposta da entrevistada: a música se tornou um *hit* em 1958.

Ao analisarmos uma entrevista de história oral, assim como qualquer documento, é preciso respeitar a ordem das palavras do entrevistado e as próprias palavras que ele elege. Como já tive oportunidade de escrever alhures (Alberti, 2005), não cabe acrescentar novas palavras, ou substituir as que são usadas por sinônimos. Por exemplo, Zélia afirma que matemática “era a grande ‘onça’ de toda a criançada”, e essa qualificação tem seus propósitos. Do mesmo modo, é preciso respeitar a opção por “o fora”, em “o

⁹ Idem.

fora começa a lhe mostrar”, quando reflete sobre o episódio de racismo na escola. A avó, diz Zélia, a aconselhava a achar-se igual aos demais. “Tanto me achava igual que eu achava que podia tudo, inclusive participar da dança. Por isso que eu levantei. Mas aí as pessoas começam a lhe mostrar; o fora começa a lhe mostrar.” Convém não dar outro nome a esse “o fora” (como “a sociedade”, por exemplo), se não é esse outro nome que Zélia usa para se expressar.

No trabalho de análise de entrevistas, há perguntas que podem nos ajudar a discutir os propósitos, as condições de enunciação e a relevância dos trechos e da entrevista como um todo. Algumas delas já foram listadas por mim em outro texto (Alberti, 2011), mas não custa repeti-las aqui, buscando estabelecer relações com os trechos da entrevista de Zélia Amador aqui analisados.

- Além de se dirigir aos entrevistadores, para quem o entrevistado está falando? Por quê?
O empenho de Zélia Amador, demonstrado desde o início da entrevista, mostra que ela considera que gravar essa entrevista é importante como forma de registro da atuação do movimento negro no Pará e dela mesma, enquanto militante desse movimento. Podemos dizer que ela está se dirigindo para o entrevistado, mas também para diferentes ouvintes e pesquisadores, de dentro e de fora do movimento.
- Que características podem ser elencadas no que diz respeito ao registro da gravação? Há ruídos interferindo na compreensão? Há interrupções dos entrevistadores?
No caso das entrevistas de Zélia Amador e de Nilma Bentes, as circunstâncias de gravação, com iluminação pouco adequada, são marcas do documento. Assim como uma fotografia pode estar com um lado esmaecido, ou uma carta, com uma ponta rasgada ou um carimbo borrado, as características do registro gravado conferem concretude ao documento e fazem lembrar seu caráter, em certa medida, efêmero e a necessidade de cuidarmos de sua preservação.
- O extrato pode ser compreendido por si só, ou deixa o ouvinte com várias questões não respondidas? Se há questões não respondidas, quais são elas? Há um fio narrativo, com começo, meio e fim? A história é contada de forma linear, ou o entrevistado alterna entre tópicos?
Zélia Amador, por exemplo, dá a entender que vai relatar seu primeiro contato com o racismo, mas a narrativa passa ainda por outros assuntos, como as aulas performáticas de catecismo, antes de chegar ao tema.
- Que informações são trazidas pela entonação e pela imagem do entrevistado?
No caso da entrevista de Zélia Amador, fica evidente, desde o início, sua boa vontade em participar da pesquisa e em contribuir com sua experiência e suas histórias. Muito possivelmente isso se deve a seu engajamento político e pessoal no movimento negro, que faz com que se identifique com os propósitos da pesquisa, que, entre outros objetivos, visa a registrar a experiência e atuação de diferentes lideranças do movimento no país.
- No trecho assistido, o entrevistado fornece uma reflexão pessoal sobre a experiência? Está emitindo opinião? Está recapitulando um evento histórico? Ou está procedendo de outra forma?
Podemos dizer que Zélia Amador executa várias dessas funções ao mesmo tempo. Enquanto conta, reflete sobre o que conta.
- Quanto do trecho assistido continha apenas “fatos”? Essa pergunta sublinha, por oposição, o quanto uma entrevista contém que não são apenas “fatos”, no sentido estrito, e sim outros elementos igualmente importantes para sua análise.

A entrevista de Zélia Amador contém, ao lado de outras informações muito relevantes, “fatos” sobre a educação da época, as atividades econômicas, a cidade de Belém e a vida de vaqueiros no Marajó, além de muitos outros.

- O que torna a entrevista diferente de ler a informação num livro? O que aprendemos que só poderia ter sido contado por essa pessoa?

Acredito que a análise empreendida ao longo desse artigo responde, em parte, a essa pergunta.

O exercício de interpretação e análise dos dois trechos da entrevista de Zélia Amador procurou sistematizar algumas possibilidades que se abrem ao pesquisador que trabalha com fontes orais, apontando sua riqueza, mas também as muitas dificuldades com que nos deparamos ao trabalhar com entrevistas de história oral. Produzir entrevistas de história oral não é tarefa trivial; analisá-las e interpretá-las, tampouco. Cabe ao pesquisador que opta por essa metodologia cuidar para que seu trabalho seja feito com qualidade e responsabilidade.

Referências bibliográficas

- Alberti, Verena. “A vocação totalizante da história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC”. in: Conferência Internacional de História Oral (10:1998: Rio de Janeiro). *Oral History: challenges for the 21st century*; Xth International Oral History Conference, proceedings. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV/Fiocruz, 1998, v.1, p.509-515.
- _____. *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.
- _____. “Histórias dentro da história.” In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.
- _____. “Narrativas pregnantes como ‘jogos de linguagem’: possibilidades da história oral à luz da teoria da linguagem de Wittgenstein.” *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de História Oral, v. 11, n. 1-2, jan.-dez. 2008, p. 127-148. Disponível em <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=154&path%5B%5D=155>.
- _____. “Oral history interviews as historical sources in the classroom”. *Words & Silences*, The Journal of the International Oral History Association. v. 6, 2011, p. 29-36. Disponível em <http://wordsandsilences.org/index.php/ws/article/view/15>.
- Alberti, Verena & Pereira, Amílcar Araújo - 2004 - “História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral”. Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros “Pesquisa Social e Políticas de Ações Afirmativas”, realizado em São Luís, na Universidade Federal do Maranhão, de 6 a 10 de setembro de 2004. Disponível em www.cpdoc.fgv.br.
- _____. - 2005 - “Movimento negro e ‘democracia racial’ no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro”. Trabalho apresentado durante a III Conferência Bienal da Associação para o Estudo da Diáspora Africana Mundial (The Association for the Study of the Worldwide African Diaspora - ASWAD), realizada em 5, 6 e 7 de Outubro de 2005, no Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em www.cpdoc.fgv.br.
- _____. - 2006a - “Racial discrimination in Brazil: interviews with leaders of the black movement.” In: International Oral History Conference (14.:2006:Sydney, Australia). *Dancing with memory: oral history and its audiences*= *Bailando con la*

- memoria: la história oral y su público. Sydney, Australia : IOHA,2006. (Também publicado como “Discriminación racial en Brasil: líderes del movimiento negro.” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Publicacions Universitat de Barcelona, n. 37, año 2007, 3ª Época, p. 23-31.) Disponível em www.cpdoc.fgv.br.
-
- _____ - 2006b - “A defesa das cotas como estratégia política do movimento negro contemporâneo.” *Estudos Históricos*. Direito e cidadania. Rio de Janeiro, n. 37, p.143-167, jan./jun.2006. Disponível em www.cpdoc.fgv.br.
-
- _____ - 2007a - “Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil”, *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas, n. 39, janeiro-junho 2007, p.25-56. Disponível em www.cpdoc.fgv.br.
-
- _____ - 2007b - “O movimento negro contemporâneo.” In: Jorge Ferreira & Daniel Aarão Reis (org.). *Revolução e democracia: 1964....* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 637-669 (As esquerdas no Brasil; v.3).
-
- _____ - 2007c - “Articulações entre movimento negro e Estado.” In: Angela de Castro Gomes (coord.). *Direitos e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007, p. 93-113.
-
- _____ - 2007d - “Transformação de entrevistas em livro: uma experiência de edição”, trabalho apresentado no VII Encontro Regional Sudeste de História Oral (Rio de Janeiro, novembro 2007).
-
- _____ - 2007e - *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro, Pallas, CPDOC-FGV.
-
- _____ - 2008a - “Pesquisando o movimento negro no Brasil.” *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v.3, n.36, p.40-44, set.2008.
-
- _____ - 2008b - “Possibilidades das fontes orais: um exemplo de pesquisa.” *Anos 90*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dezembro 2008, p.73-98.
- Koselleck, Reinhart. *Vergangene Zukunft. Zur Semantik geschichtlicher Zeiten*. 2. Aufl., Frankfurt am Mein, Suhrkamp, 1992. Trad. bras. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto, PUC-Rio, 2006.
- Le Goff, Jacques – 1984 – “Documento/monumento”. *Enciclopédia Einaudi*. v. 1: Memória – História. s/l (Portugal), Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p.95-106.
- Wittgenstein, Ludwig - 1953. *Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 2003. Trad. bras.: *Investigações filosóficas*. São Paulo, Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).